

A VARIEDADE REGIONAL NA SUFIXAÇÃO

Nilsa Areán-García (FFLCH – USP)

nilsa@estadao.com.br

INTRODUÇÃO

Desenvolvida na Universidade de São Paulo, esta pesquisa está centrada no estudo dos sufixos no português e surgiu no âmbito das pesquisas do Grupo de Morfologia Histórica do Português, G-MHP (<http://www.usp.br/gmhp>), coordenado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro. Destaca-se o apoio financeiro recebido da FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Sabe-se que a maior parte dos mecanismos de formação de palavras é de caráter morfológico e se refere às diferentes maneiras de como se combinam os morfemas lexicais, e, de acordo com Said Ali (1930, p. 15), na língua portuguesa, a sufixação mostra-se como o procedimento mais produtivo na formação de palavras.

Para Sandmann (1991, p. 44-45): “da competência lexical do usuário de uma língua fazem parte tanto a capacidade de formar e entender palavras novas como a de atribuir estrutura às palavras já integrantes do léxico” e segundo Aronoff (1976, p. 65), existe uma estreita e importante relação entre coerência semântica e produtividade. No entanto, dentro da regularidade na produção de palavras por meio das regras de formação de palavras (RFP), há uma grande variedade de sufixos concorrentes, ou seja, vários sufixos com a mesma função semântica que podem atuar sobre uma mesma base, promovendo certa irregularidade no processo. Alguns autores afirmam que estes problemas são resolvidos por restrições lexicais da língua, uma dessas formas é a chamada de bloqueio, ou seja, quando a ocorrência da formação de uma palavra é impedida pela existência de outra forma que já preenche o seu papel no léxico, nas palavras de Aronoff (1976, p. 55): “*Blocking prevents the listing of synonyms in a single stem. An affix which is productive with a given morphologi-*

*cal class will thus block the attachment of rival affixes to that class*¹⁸.

Segundo Sandmann (1991, p. 75), neste caso “está-se frente a uma situação de conflito entre o sistema e o uso; o sistema permite mais de uma forma, o uso, porém, consagra e privilegia uma”. Como o exemplo sugerido pelo autor: pelo fato de já existir a palavra *estudo* não se pode formar **estudagem* ou **estudamento*, pois são formas bloqueadas pela existência de *estudo*. Em relação aos bloqueios, Sandmann (1991, p. 78-80) faz duas ressalvas: “a especialização de sentido de uma palavra pode levar à anulação do bloqueio de formas com outros sufixos de função igual”. De fato, as palavras *jornalista* e *jornaleiro* são formadas com a mesma base e com os sufixos *-ista* e *-eiro* que designam profissão, no entanto, a profissão designada por *jornalista* é diferente da designada por *jornaleiro*, cada qual assume uma especialização de sentido. Além disso, o autor ressalta que “o despeito a determinados bloqueios de regras de formação de palavras pode assumir caráter estilístico”, ou seja, em determinados casos o sufixo de formação das palavras indica o gênero textual mais adequado para o seu emprego, ou ainda, por liberdade estilística o autor emprega determinada forma ainda que haja outra concorrente, por exemplo, o uso de *severista* por Guimarães Rosa.

Em contrapartida, na língua portuguesa também se encontram formas concorrentes derivadas de uma mesma base e com a mesma noção semântica, por exemplo: *manobreiro(a)* e *manobrista* são agentivos que designam a pessoa que manobra carros, sem que uma forma bloqueie a outra e sem que haja uma especificação semântica ou estilística entre elas, mas sim uma diferença regional de uso. Analogamente as palavras *dermatologista* e *dermatólogo(a)*, *fumante* e *fumador(a)*, *bolsista* e *bolseiro(a)*, dentre outras palavras derivadas cuja diferença sufixal reflete, respectivamente, a variedade regional entre o falar no Brasil e o de Portugal.

Este estudo foi conduzido sobre um recorte que abrange somente os dois pares de palavras: *fumante* e *fumador(a)*, *bolsista* e

¹⁸ Tradução (livre): “O bloqueio impede a formação de uma lista de sinônimos em derivações. Pois, um afixo produtivo para a formação de uma dada classe morfológica bloqueará a atuação de afixos concorrentes para a formação desta mesma classe.”

bolseiro(a). Para que vários fatores fossem levados em conta na análise de cada caso, optou-se por procurar as palavras em dicionários portugueses e brasileiros, fazer buscas na internet, entrevistar pessoas sobre o significado léxico de cada par de palavras, bem como procurar a etimologia e o itinerário percorrido por cada sufixo até chegar à sua produção atual na língua portuguesa.

O objetivo deste método utilizado é inicialmente verificar se a variedade regional realmente pode ser promovida pelo processo de sufixação. Posteriormente, a comparação das acepções dadas pelos dicionários e das acepções dadas pela população. Além disso, a verificação da consciência de variedade regional nos dicionários e na população entrevistada. Ainda, a constatação de traços conceptuais característicos de cada região em cada par de palavras, bem como, em que medida a etimologia e a história do sufixo são importantes na descrição de cada item buscado.

1. Comprovações e levantamento de dados pela internet

Inicialmente foi necessário verificar se realmente há variação regional entre Brasil e Portugal quanto ao uso de sufixos nos objetos do estudo: *fumante* e *fumador(a)*, *bolsista* e *bolseiro(a)*.

Assim, considerando-se a acepção semântica de “agente que fuma” para: *fumante/fumador(a)*, e a acepção semântica de “pessoa que recebe bolsa de auxílio” para: *bolsista/bolseiro(a)*; deu-se início a uma busca em textos escritos na *internet*, por meio da ferramenta *google*, no dia três de agosto de 2009, obtendo-se os números de ocorrências de cada palavra, transcritos no quadro abaixo:

	<i>fumante</i>	<i>fumador(a)</i>	<i>bolsista</i>	<i>bolseiro(a)</i>
Brasil	653.000	15.000	1.310.000	1.440
Portugal	8.000	502.000	678	168.000

Foram obtidas 653.000 (seiscentas e cinquenta e três mil) ocorrências da palavra *fumante* diante de 15.000 (quinze mil) ocorrências da palavra *fumador(a)* em sítios brasileiros da *internet*. Por outro lado, foram obtidas 8.000 (oito mil) ocorrências da palavra *fumante* diante de 502.000 (quinhentas e duas mil) ocorrências da palavra *fumador(a)* em sítios portugueses da *internet*. Convém lembrar que muitos dos sítios brasileiros nos quais ocorre a palavra *fuma-*

dor(a), simplesmente são referências a escritos ou documentos portugueses. Do mesmo modo, os sítios portugueses nos quais ocorre a palavra *fumante*, são referências a escritos ou documentos brasileiros, ou publicados por brasileiros nativos que vivem em Portugal. Assim, pode-se evidenciar que, com a aceção especificada, preponderantemente a palavra *fumante* é característica de textos brasileiros e a palavra *fumador(a)* de textos portugueses.

De modo semelhante, foram obtidas 1.310.000 (um milhão e trezentas e dez mil) ocorrências da palavra *bolsista* diante de 1.440 (mil quatrocentos e quarenta) ocorrências da palavra *bolseiro(a)* em sítios brasileiros da *internet*. Por outro lado, foram obtidas 678 (seiscentos e setenta e oito) ocorrências da palavra *bolsista* diante de 168.000 (cento e sessenta e oito mil) ocorrências da palavra *bolseiro(a)* em sítios portugueses da *internet*. Neste caso também convém lembrar que muitos dos sítios brasileiros nos quais ocorre a palavra *bolseiro(a)*, simplesmente são referências a escritos ou documentos portugueses. Do mesmo modo, os sítios portugueses nos quais ocorre a palavra *bolsista*, são referências a escritos ou documentos brasileiros, ou publicados por brasileiros nativos que vivem em Portugal. Assim, analogamente ao caso anterior, pode-se evidenciar que, com a aceção estudada, a palavra *bolsista* é característica de textos brasileiros e *bolseiro(a)* de portugueses.

2. Descrição das consultas aos dicionários

Para a análise das aceções das palavras em questão, utilizaram-se quatro dicionários, dois portugueses: *Priberam da Língua Portuguesa On-Line* e *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*; e dois brasileiros: *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* e *Dicionário Aulete da Língua Portuguesa*.

No *Dicionário Aulete da Língua Portuguesa*, na aceção da palavra *fumador(a)* está marcado o traço de regionalismo lusitano e consta como sinônimo de *fumante* cuja aceção fornecida é “que fuma ou quem tem o vício de fumar” sem que conste o seu regionalismo brasileiro. Já na aceção de *bolsista* “que recebeu ou recebe bolsa de estudos” está marcando o traço de regionalismo brasileiro, en-

tretanto na acepção da palavra *bolseiro(a)* não está incluída a acepção portuguesa de “indivíduo que recebe bolsa”.

Analogamente, no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, (publicação brasileira) na acepção da palavra *fumador(a)* está marcado o traço de regionalismo lusitano e consta como sinônimo de *fumante* cuja acepção fornecida é “que fuma” sem que conste o seu regionalismo brasileiro. Do mesmo modo, na acepção de *bolsista* “que recebeu ou recebe bolsa de estudos” está marcado o traço de regionalismo brasileiro, Embora se diferencie na acepção da palavra *bolseiro(a)*, indicando-a como sinônima da palavra *bolsista* ressaltando a marca do regionalismo português.

No *Dicionário Português Priberam da Língua Portuguesa On-Line*, nas acepções das palavras estudadas não aparece menção ao traço de regionalismo. A acepção da palavra *fumante* é dada como “pessoa que fuma por hábito”, ao passo que a palavra *fumador(a)* é definida como “que ou aquele que fuma”. Já na acepção da palavra *bolsista* não está incluída a acepção brasileira de “indivíduo que recebe bolsa de estudos”, acepção encontrada na palavra *bolseiro*.

No *Dicionário Português da Língua Portuguesa da Porto Editora*, a acepção da palavra *fumante*, marcada como regionalismo brasileiro, é dada como “pessoa que tem o hábito de fumar”, sinônima da palavra *fumador(a)* é definida como “que ou quem tem o hábito de fumar”, na qual não se encontra menção a traços regionais. Ao contrário do dicionário Priberam, no da Porto Editora a acepção da palavra *bolsista* é dada como regionalismo brasileiro sinônimo de *bolseiro*, “indivíduo a quem foi concedida uma bolsa de estudos”, embora na acepção da última não haja menção a regionalismos.

Pôde-se constatar, então, nos dicionários consultados, que geralmente consideram-se as formas não usuais em seu território como regionalismos. Além disso, pode-se notar que o par *fumante/fumador* é mais conhecido como variantes regionais de uma mesma acepção semântica que o par *bolsista/bolseiro*.

3. Descrição das entrevistas a pessoas

As entrevistas às pessoas da cidade de São Paulo foram feitas nos terminais de ônibus Princesa Isabel, Parque Dom Pedro II, bem como nos pontos terminais de ônibus espalhados ao longo do Largo de Pinheiros, com os usuários à espera de seu transporte, mas também com fiscais, cobradores, motoristas e camelôs. Também foram entrevistados camelôs e vendedores de lojas populares da região do Largo de Pinheiros (rua Cardeal Arcoverde, Rua Teodoro Sampaio e rua Butantã), da rua 25 de Março e imediações (rua da Constituição, Rua Florêncio de Abreu, Ladeira Porto Geral e Galeria Pagé) e da rua Santa Efigênia. Perguntou-se aos entrevistados, em meio a uma conversa, qual a diferença na aceção em cada par de palavras: *fumante/fumador(a)* e *bolsista/bolseiro*. As entrevistas não foram gravadas, para manter a naturalidade nas conversas e, da mesma forma, as respostas só foram anotadas longe do olhar dos entrevistados. Foram consultadas as opiniões de 32 pessoas durante as três primeiras semanas do mês de agosto de 2009.

Das entrevistas foram escolhidas as cinco aceções mais pertinentes ao objeto em estudo, na qual a primeira aceção foi a mais encontrada dentre os dados obtidos.

Assim, a palavra *fumante* foi definida pela população como:

1. quem fuma
2. viciado em (fumar) cigarro
3. quem fuma mais de maço por dia ou quem fuma demais
4. quem fuma cigarro
5. quem não consegue ficar sem (fumar) cigarro

Para a palavra *fumador*, obteve-se:

1. o mesmo que *fumante*
2. quem fuma só de vez em quando (socialmente), mas não é viciado
3. é o *fumante* que não traga a fumaça, que sabe fumar.
4. quem fuma outras coisas (charuto, maconha etc)
5. lugar para fumar (fumódromo)

Para a palavra *bolsista*, obteve-se:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

1. quem recebe bolsa de estudos
2. quem rouba bolsas
3. estilista que desenha bolsas
4. sacoleira de bairro “chic”
5. quem tem muito dinheiro na bolsa

Já para a palavra *bolseiro(a)*, obteve-se:

1. quem conserta bolsas
2. quem rouba coisas nas lojas e enfia dentro da bolsa
3. quem roda bolsinha (bolsa) na esquina; prostituta
4. mesmo que sacoleira
5. quem usa bolsa grande

Quanto ao primeiro par de palavras: *fumante/fumador*, as primeiras acepções, as mais encontradas, correspondem à acepção dada pelos dicionários de língua portuguesa. A segunda, terceira e quinta acepção de *fumante* como o “viciado em fumar” e a segunda de *fumador* como o “que fuma, mas não é viciado”, corresponde, em certa medida à acepção de *fumante* dada pelo dicionário Aulete e as acepções de *fumante/fumador(a)* dadas pelo dicionário Priberam. Convém notar que na segunda, terceira, quarta e quinta acepções de *fumante*, encontra-se mais ênfase ao objeto direto da ação de fumar, o cigarro, que ao verbo, base da derivação. Nestes casos, de certa forma, os entrevistados concebem *fumador(a)* como um agente com determinado grau de experiência em relação ao *fumante*. E ainda, pode-se perceber que é o objeto direto do verbo fumar que faz a diferenciação entre *fumante* e *fumador(a)* na quarta acepção dada pelos entrevistados. É interessante notar também que na quinta acepção de *fumador(a)* encontra-se um locativo, provavelmente devido às controvérsias geradas pela nova lei do estado de São Paulo incitando à criação de locais próprios para os agentes do fumo.

Se para o par *fumante/fumador(a)* muitos dos entrevistados acharam que não havia diferença semântica entre as duas palavras, para o par *bolsista/bolseiro(a)* nenhum dos entrevistados afirmou significar o mesmo, de maneira similar ao ocorrido com as acepções encontradas nos dicionários Aulete e Priberam da Língua Portuguesa. A primeira definição dada pelos falantes à palavra *bolsista* cor-

responde à acepção dos dicionários brasileiros para a significação da palavra, e do dicionário da Porto Editora como regionalismo brasileiro. Convém observar que a primeira acepção para a palavra *bolseiro(a)*, foi de “profissional que conserta bolsas”, provavelmente devido à influência da palavra *sapateiro*. Nas segundas acepções do par de palavras analisado há uma associação ao ato de roubar/furtar, *bolsista* é definido como “quem rouba bolsas”, provavelmente uma analogia com a palavra *carteirista*; e *bolseiro(a)* como “quem rouba coisas nas lojas e enfia dentro da bolsa”, dada a realidade das lojas populares e pequenos comércios em São Paulo vista pelo viés de quem neles trabalha. Na terceira acepção da palavra *bolsista* encontra-se “estilista que desenha bolsas” contraposto a primeira acepção de *bolseiro(a)*, “profissional que conserta bolsas”, confirmando a posição de MIRANDA (1979, p. 76-77), na qual o sufixo *-ista* forma os nomes de profissionais ligados ao trabalho intelectual e à especialidade, ao passo que o sufixo *-eiro* costuma estar associado ao traço de trabalho braçal. De modo semelhante, a quarta acepção de *bolseiro(a)*, “mesmo que sacoleira”, e a quarta acepção de *bolsista*, “sacoleira de bairro ‘chic’” indicam que, em determinados casos, “as regras X-*ista* e X-*eiro* resultariam, pois como definidoras de *status*”. (MIRANDA, 1979, p. 77). Acredita-se que, neste caso, a associação à palavra *sacoleira* seja decorrente da grande quantidade de pessoas com esta atividade que frequentam as imediações da rua 25 de Março, local onde foi obtida esta acepção. De maneira análoga, acredita-se que a associação da palavra *bolseira* ao significado de prostituta (“quem roda bolsinha na esquina”) também se deva às atividades noturnas do local em que se obteve tal acepção: imediações do terminal Princesa Isabel e Largo de Pinheiros.

Pôde-se notar, com estas respostas da população que os mais variados fatores e condições podem interferir no processo de formação de palavras, de acordo com Basílio (2001, p. 80), “a formação de palavras pode ter uma função exclusivamente cognitiva, como categorização. Mas, em termos de comunicação, a palavra se forma também em função do enunciado”. Ou seja, as funções não são isoladas e exclusivas na formação da palavra diante da comunicação, assim, não há apenas uma função semântica ou morfológica, mas um misto de funções que associa os mais variados fatores ao enunciado e à expressão, o que pode abranger também uma dimensão criativa do fa-

lante, diante da significação das palavras formadas e a significação dos sufixos e de suas bases.

Não obstante, observa-se que os falantes consultados não têm a percepção das variantes regionais, mas concebem, em geral, haver uma diferença entre uma e outra forma. Infelizmente não houve tempo para entrevistas à população de outras regiões brasileiras, tampouco à população de Portugal, tais resultados seriam muito interessantes para efeitos comparativos ou mesmo com o intuito de verificar em que medida a distância entre os lugares e o contato entre os falantes afeta a percepção da variedade entre Brasil e Portugal.

4. Descrição dos morfemas

Para Basílio (1995, p. 190-192): “as formações agentivas em *-nte* e *-dor* não são sinônimas. As formações agentivas em *-nte* apresentam uma interpretação de aspecto durativo contínuo (ação em curso), podendo se opor a formações correspondentes em *-dor*. (...) Existe, pois, uma marca de aspecto durativo nos agentivos em *-nte*.” De fato, a observação sincrônica da pesquisadora tem também uma explicação pelo viés histórico-etimológico dos sufixos concorrentes, em determinados casos, na formação de *nomina agentis*.

O sufixo *-or* (*-dor*, *-sor*, *-tor*), de acordo com PHARIES (2002: 169), é proveniente do sufixo latino *nomina agentis -oris*, (da forma acusativa) que era aplicado ao particípio perfeito passivo dos verbos latinos. Portanto já era um sufixo latino que foi herdado pelas línguas românicas, dentre elas o português. De maneira análoga, segundo o Houaiss (2001), o sufixo *-or* é proveniente

do latim *-óris*, e: na formação de agente, como ocorre em *-dor/-dora* (em que o *-d-* é a sonorização do *-t-* de particípio passado ou de supino, entre vogais), ou como ocorre em *-tor/-tora* (sem a sonorização referida, pois que não intervocalica ou, então, em cultismos).

De acordo com as datações fornecidas por Houaiss (2001) sua produção deverbal no português é desde o século XII na formação de substantivos e adjetivos *nomina agentis*. Pelo fato de ser aplicado a uma base de particípio passado, o sufixo nominaliza o agente de uma ação que vem sendo praticada, ou seja, uma ação já iniciada desde um passado. Assim, uma regra de formação é *V+ -or*, na qual *V* é

um verbo em particípio passado e uma paráfrase de sua formação seria “que tem V (particípio passado)”. Por exemplo, *fumador* indica “que ou quem tem *fumado*” (*fumado* + *-or*). Por indicar uma ação já iniciada desde um passado, o sufixo *-or*, em uma análise mais pragmática, culmina na indicação da experiência, competência e trajetória do agente na ação indicada pelo verbo. Quiçá tal indicação tenha sido responsável pela ampla utilização do sufixo *-or* na formação de nomes de profissionais.

O sufixo *-nte* (*-ante*, *-ente*, *-inte*), de acordo com Pharies (2002, p. 84-85), é proveniente do latim *-ns*, *-ntis*, desinência flexiva do particípio presente ativo dos verbos latinos. Portanto é uma desinência verbal que adquiriu o caráter de sufixo em algumas línguas românicas, dentre elas o português. Para Houaiss (2001), o sufixo *-nte* é proveniente

da desinência latina de particípio presente *-ns*, *-ntis*, numa relação que vem quase intacta do latim: 1ª conjugação latina *-āre* > *-(a)ns*, *(a)ntis*; 2ª conjugação latina *-ēre* > *-(e)ns*, *(e)ntis*; 3ª conjugação latina *-ere* > *-(e)ns*, *(e)ntis*; 4ª conjugação latina *-īre* > *-(i)(e)ns*, *(i)(e)ntis*, donde em português as formas em *-ante* (nos verbos da 1ª conjugação) e *-ente* (nos verbos da 2ª e 3ª conjugações); muitos verbos da 3ª conjugação latina ora ficaram na 2ª conjugação portuguesa (*dicere* > *dizer*), ora passaram para a 3ª conjugação do português (*conducere* > *conduzir*) com seus respectivos particípios presentes (*conducente*); no processo, a partir do século XIV, a 3ª conjugação portuguesa, donde quer que provinda, passou a desenvolver a forma *-inte*, vernácula, que convive, em níveis de diferentes registros e para fins diferentes, com os originais eruditos (*sequente* e *se-quente*, *ouvinte* e *audiente*); virtualmente, todos os verbos da língua portuguesa. podem derivar adjetivos ou substantivos em *-nte*.

Conforme as datações de Houaiss (2001) sua produção deverbal no português é desde o século XIV, formando não apenas substantivos e adjetivos, mas também outras classes de palavras, por exemplo: *bastante*, advérbio do século XV; *durante*, preposição atestada em 1639; *consoante*, conjunção do século XV. Ao adquirir o *status* de sufixo na língua portuguesa, o morfema especializou-se na formação de adjetivos e substantivos *nomina agentis*. Pelo fato de ser aplicado a uma base de particípio presente, o sufixo nominaliza o agente de uma ação que é praticada no presente ou uma ação cotidiana e contínua no presente. Assim, uma regra de formação é *V+ -nte*, na qual *V* é um verbo no tempo presente do indicativo e uma paráfrase de sua formação seria “que *V* (presente do indicativo)”. Em al-

guns casos, ainda, sua significação pode ser equivalente a um gerúndio. Por exemplo, *fumante* indica “que ou quem *fuma*” (*fuma* + *-nte*), em alguns casos: “que ou quem está *fumando*”, ou seja, o sufixo caracteriza um agente atual no decurso de sua ação.

Desse modo, acredita-se que há um matiz semântico diferente entre as formações em *-or* e as formações em *-nte* quanto à duração da ação executada pelo agente. Assim, o par *fumante/fumador*, por um lado indica a preferência brasileira pelo momento atual, pela caracterização do agente no tempo presente e pela continuidade de sua ação; ao passo que indica a preferência portuguesa pela trajetória e experiência do agente na prática de sua ação. Por outro lado, a escolha do sufixo *-nte* indica uma tendência inovadora morfológica na variedade brasileira; ao passo que a escolha do sufixo *-or*, por ser já mais antigo, indica um maior grau de conservadorismo morfológico na variedade portuguesa.

O sufixo *-eiro*, de acordo com Pharies (2002, p. 229), é proveniente do sufixo latino denominal formador de adjetivos *-arius*. Ainda no latim já passa a formar substantivos e um de seus campos semânticos é a formação de *nomina agentis*. Com essa denominação foi herdado pelas emergentes línguas românicas e tornou-se muito produtivo, dentre elas, no português. Para Houaiss (2001) o sufixo *-eiro* é proveniente

do sufixo latino *-arius*, *a,um* formador de adjetivos, e de seus derivados *-arius*, *ii*, *-aria*, *ae* e *-arium*, *ii*, formadores de substantivos que passam a ocorrer independentemente da existência de um adjetivo conexo, o primeiro denotando 'o que produz e/ou negocia, ou cuida; trata de (coisa designada pelo radical latino)' (*ferrarius*, *i* – 'ferreiro'), o segundo e o terceiro, ger., 'um lugar, local (por vezes receptáculo)' (*ferraria*, *ae* 'mina de ferro', *calvaria*, *ae* 'crânio', *caldarium*, *ii* 'casa de banho'), em virtude da estreita ligação ocorrente já no latim, de modo que, em português, não há por quê, nem como, estremar o sufixo formador de adjetivos dos formadores de substantivos.

De acordo com as datações fornecidas por Houaiss (2001) sua produção denominal no português é desde o século XII na formação de substantivos e adjetivos *nomina agentis*. Pelo fato de ser aplicado a uma base denominal, o sufixo nominaliza o agente que exerce uma determinada ação sobre o objeto nomeado na base. Assim, uma regra de formação é N+ *-eiro*, na qual N é a base denominal e uma paráfrase de sua formação seria “que V N”, que pratica uma ação V rela-

cionada com o objeto N, na qual V é um verbo no presente do indicativo e N é o nome do objeto.

O sufixo *-ista*, de acordo com Pharies (2002, p. 358), é proveniente da terminação deverbal grega *nomina agentis -istés*, que era aplicada a verbos com objeto direto. Passou ao latim como *-istés* em palavras cultas de origem grega. No séc. XVII é retomado pelo francês e italiano já com a produção denominal e torna-se muito produtivo nas línguas românicas. De acordo com as datações fornecidas por Houaiss (2001) sua produtividade denominal na formação de substantivos e adjetivos *nomina agentis* no português é desde o século XVIII. Analogamente ao *-eiro*, pelo fato de ser aplicado a uma base denominal, o sufixo *-ista* nominaliza o agente que exerce uma determinada ação sobre o objeto nomeado na base. Assim, uma regra de formação é N+ *-ista*, na qual N é a base denominal e uma paráfrase de sua formação seria “que V N”, que pratica uma ação V relacionada com o objeto N, na qual V é um verbo no presente do indicativo e N é o nome do objeto.

Desse modo, acredita-se que há um matiz semântico diferente entre as formações em *-ista* e as formações em *-eiro* quanto à origem, ou seja, o *-ista* por ser de origem grega retomado no século XVII dá um caráter de cultismo às suas formações. Assim, o par *bol-sista/bolseiro*, por um lado indica a preferência brasileira pelo cultismo grego; ao passo que indica a preferência portuguesa pelo tradicional, quicá se justifique assim os comentários de Miranda (1979) sobre a definição de *status* e o caráter de trabalho intelectual e braçal designados, segundo a autora, pelos sufixos. Por outro lado, a escolha do sufixo *-ista* indica uma tendência inovadora morfológica na variedade brasileira; ao passo que a escolha do sufixo *-eiro*, por ser já mais antigo, indica um maior grau de conservadorismo morfológico na variedade portuguesa.

Comparando-se os sufixos pôde-se notar que a escolha morfológica da variedade portuguesa recai sobre *-or(a)* e *-eiro(a)* que já eram sufixos no latim e, portanto é mais conservadora. Ao passo que a brasileira recai sobre *-nte* e *-ista*, terminações que se tornaram sufixos nas línguas românicas, e portanto mais inovadora. Por outro lado, pelo fato de serem mais antigos *-or(a)* e *-eiro(a)* são sufixos que marcam o gênero do agente. Os sufixos *-nte* e *-ista* são, em geral,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

comuns de dois gêneros, ainda que, principalmente na língua oral, possamos encontrar exemplos que marcam gênero, como: *taxista*, *motorista*, *presidenta*, *comandanta*. Dessa forma, acredita-se que na variedade portuguesa a marcação do gênero na formação de agentes seja um fator de maior importância que na variedade brasileira, nos exemplos estudados.

5. Conclusão

Ainda que dicionários da língua portuguesa como o Houaiss e o da Porto Editora indiquem os usos regionais de palavras equivalentes formadas a partir de uma mesma base e com sufixos concorrentes, o mesmo não ocorre com todos os dicionários e nem sequer os falantes da língua são conscientes da variação na sufixação existente entre Brasil e Portugal.

Por outro lado, o estudo histórico dos morfemas envolvidos apresenta as diferentes características entre um e outro, ainda que concorrentes, indicando que as escolhas regionais identificam conceptualizações diferentes para povos diferentes. Assim, ao contrário do que os dicionários afirmam, *fumante* e *fumador* não são sinônimos, também não o são *bolsista* e *bolseiro*, pois os sufixos nestes casos marcam, mais que um matiz semântico, a variação regional, indicando pela sua escolha a identidade e proveniência do falante.

BIBLIOGRAFIA

AREÁN-GARCÍA, Nilsa. *Estudo comparativo de aspectos semânticos do sufixo -ista no português e no galego*. São Paulo: FFLCH USP, 2007.

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Massachusetts: MIT. Cambridge, 1976.

AULETE. *Dicionário Aulete da língua portuguesa*. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br>. Consultado em abril de 2009.

BASÍLIO, Margarida. O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. In: HEYE, J. (Org.) *Flores verbais*. Rio de Janeiro, 1995.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

_____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2001.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MIRANDA, Neusa Salim. *Estudo sobre a produtividade dos agentes verbais*. Anais do III Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1979.

PHARIES, David. *Diccionario etimológico de los sufijos españoles*. Madri: Gredos, 2002.

PORTO EDITORA. *Dicionário da língua portuguesa da Porto Editora*, 2009. <http://www.infopedia.pt>. Consultado em abril de 2009.

PRIBERAM. *Dicionário priberam da língua portuguesa on-line*. <http://www.priberam.pt/DLPO>. Consultado em abril de 2009.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930.

SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical. Produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: UFPR, 1991

VIARO, Mário Eduardo. *Problemas de morfologia e semântica histórica do sufixo -eiro*. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. São Carlos: UFSCar, 2005.